

O QUADRO ABRANGENTE DO DESENGAJAMENTO EM LADAKH

Por M. K. Bhadrakumar*



Soldados indianos e chineses observam cerimônia pelo Ano Novo de 2019 em Bumla, ao longo da fronteira indo-chinesa em Arunachal Pradesh (PTI).

A retomada do diálogo entre Índia e China provavelmente não agrada ao Ocidente, uma vez que sem a Índia não há uma “Estratégia Indo-Pacífico” contra a China.

O Ministério das Relações Exteriores fez a coisa certa ao explicar seu taciturno comunicado de imprensa na última quinta-feira em uma única frase sobre o desengajamento de tropas na área de Gogra-Hotsprings ao longo da LAC (*Line of Actual Control*, Linha de Controle Real) no Setor Ocidental das áreas de fronteira Índia-China.

O porta-voz oficial Arindam Bagchi compartilhou na sexta-feira mais detalhes. Em geral, um consenso alcançado na 16ª rodada da Reunião de Nível de Comandante de Corpo Índia-China em 17 de julho foi concretizado pelos dois lados, e o desligamento real começou na quinta-feira, e será concluído na próxima segunda-feira. Os seguintes elementos-chave chamam a atenção:

- Ambos os lados “cessarão os desdobramentos avançados nesta área de maneira faseada, coordenada e verificada, resultando no retorno das tropas de ambos os lados às suas respectivas áreas”;
- Todas as estruturas temporárias e outras infraestruturas aliadas criadas na área por ambos os lados “serão desmanteladas e mutuamente verificadas”;
- “As formas de relevo na área serão restauradas para o período anterior ao impasse por ambos os lados”;

- “O acordo garante que a LAC nesta área será estritamente observada e respeitada por ambos os lados, e que não haverá mudança unilateral no *status quo*”;
- No futuro, os lados “levarão as conversas adiante, resolverão os problemas restantes ao longo da LAC e restaurarão a paz e a tranquilidade nas áreas de fronteira Índia-China”.

Os dois últimos elementos – a proibição de “mudança unilateral no *status quo*” e o compromisso de resolver as questões restantes – estão, obviamente, inter-relacionados.

Simplificando, não haverá tentativas de nenhum dos lados de entrar em qualquer “missão rasteira” para aproveitar vantagem unilateral do território. Isso é extremamente importante, dadas as duas narrativas muito divergentes sobre o que precipitou o impasse dois anos atrás. Como deve ser entendido o *status quo* ainda não é de domínio público, mas presumivelmente é para satisfação mútua.

Uma judiciosa mistura de firmeza e realismo (de ambos os lados) tornou este acordo possível. O ministro das Relações Exteriores, S. Jaishankar, lembrou incisivamente a opinião pública doméstica sobre isso em 4 de setembro, mesmo quando o anúncio sobre o desligamento quatro dias depois ainda estava sendo elaborado em conjunto com a China.

Apenas quatro dias antes, em 30 de agosto, quando Jaishankar disse que muito do futuro da Ásia depende de como os laços entre os dois países se desenvolvem no futuro previsível, e para que os laços voltem a uma trajetória positiva, eles devem ser baseados em sensibilidade, respeito e interesse mútuos, ele estava claramente se dirigindo à China.

Infelizmente, alguns comentaristas indianos correram para menosprezar o que aconteceu nos últimos meses, ligando-o a uma possível reunião entre o primeiro-ministro Narendra Modi e o presidente chinês Xi Jinping na próxima semana em Samarcanda. Dito isto, se vai haver uma reunião em Samarcanda, este desengajamento de fato oferece o cenário para uma discussão construtiva. Ambos os governos têm grandes interesses em manter a paz e a tranquilidade ao longo da LAC no atual período extremamente transformador da ordem mundial. Para a China, questões de guerra e paz no Estreito de Taiwan são uma prioridade.

Quanto à Índia, está à frente de um período crucial de ajuste às novas condições geopolíticas, que apresenta desafios assustadores à sua autonomia estratégica e políticas externas independentes, decorrentes das tentativas do Ocidente de polarizar a comunidade mundial contra a Rússia e a China.

Tanto a Índia quanto a China sentem a grande importância de seguir suas respectivas trajetórias de crescimento econômico e desenvolvimento de forma otimizada em um clima difícil e desfavorável internacionalmente. Falando da Índia, nossos analistas preferem – por ignorância ou deliberadamente – contornar a correlação entre uma fronteira pacífica e tranquila e a situação econômica geral do país.

O conflito na Ucrânia está aumentando a inflação global, aumentando o custo da energia e outras commodities brutas, enquanto um Fed dos EUA cada vez mais agressivo está apertando suas políticas e reduzindo significativamente seu equilíbrio. Pode haver preocupações iminentes cambiais e de relações exteriores. Talvez tenha chegado a hora de construir um sistema de compensação entre os países do BRICS. As atuais reservas cambiais da Índia estão no nível mais baixo desde outubro de 2020. As saídas estrangeiras persistentes dos mercados de ações e dívidas da Índia também pesaram sobre a rupia.

Há uma contínua interferência ocidental nas relações Índia-China e o fato de o governo ter adotado uma via bilateral com a China não será do agrado do Ocidente. Fundamentalmente, a objeção é que, sem a Índia, não há “Estratégia Indo-Pacífico” contra a China.

Em uma entrevista recente a um jornal indiano, o ex-primeiro-ministro da Austrália e um aclamado falcão da China, Kevin Rudd, fez a pergunta que mais incomoda a mente ocidental: “O que a Índia faz em última análise, se a China resolver unilateralmente a fronteira, como Gorbachev fez, com a Federação Russa dentro da União Soviética em 1989?”

Rudd repetiu: “o que a Índia faria em termos de ascensão da China se a fronteira fosse resolvida, e Índia, China e Rússia se desdobrassem em um enorme mercado de oportunidades mútuas?” Em tal cenário, Rudd poderia ver apenas uma escolha binária para a Índia: ela deveria “se mover” com a China ou “equilibrar” a China.

Rudd deve ser um homem terrivelmente desapontado ao ver que poderia haver uma Terceira Via. A China não está realmente esperando que alguém faça “se mova com ela” com isso. Seu DNA é semelhante ao da Índia – busca de interesses nacionais, mantendo autonomia estratégica (mesmo em relação à sua parceira Rússia).

A China está satisfeita com o fato de a Índia valorizar sua autonomia estratégica. Sua expectativa é apenas que a Índia não se alinhe aos EUA para buscar políticas hostis. Isso também é perfeitamente compreensível.

Um consenso com a China de que nenhuma das partes tentará obter vantagem territorial é o máximo que pode ser esperado hoje e o mínimo irreduzível exigido até o momento em que a opinião indiana possa aceitar uma solução justa e equilibrada da questão de fronteira com espírito de compromisso.

Notavelmente, os comentaristas chineses apreciaram as observações contundentes de Jaishankar entre março e abril, anunciando as compras de petróleo da Rússia pela Índia, dando primazia aos seus interesses nacionais. É concebível que tal afirmação da autonomia estratégica da Índia tenha criado um ambiente favorável nas negociações em andamento em vários níveis com a China, levando ao desligamento de Gogra-Hotsprings. Mais uma vez, os comentaristas chineses agradeceram que Jaishankar trouxesse o conceito tentador do Século Asiático durante as perguntas e respostas após seu discurso sobre a “Visão da Índia do Indo-Pacífico” na Tailândia em 16 de agosto.

Significativamente, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês reagiu à observação em termos positivos três dias depois, em 19 de agosto: “Como disse um líder chinês, “a menos que a China e a Índia sejam desenvolvidas, não haverá século asiático. Nenhum século genuíno da Ásia-Pacífico ou século asiático pode acontecer até que a China, a Índia e outros países vizinhos sejam desenvolvidos”. A China e a Índia são duas civilizações antigas, duas grandes economias emergentes e dois países vizinhos. Temos muito mais interesses comuns do que diferenças. Ambos os lados têm a sabedoria e a capacidade de ajudar um ao outro a ter sucesso ao invés de prejudicar um ao outro. Esperamos que o lado indiano trabalhe com a China para agir de acordo com os importantes entendimentos comuns entre nossos líderes, ou seja, China e Índia não são ameaças uma para a outra, mas parceiros de cooperação e oportunidades de desenvolvimento, trazendo as relações China-Índia de volta ao caminho do desenvolvimento estável e sólido em uma data precoce e salvaguardar os interesses comuns da China, Índia e nossos colegas países em desenvolvimento”.

A China e a Índia têm muitos interesses comuns na ordem mundial emergente. Apenas três dias atrás, os comentários do primeiro-ministro na plenária do Fórum Econômico Oriental em Vladivostok sinalizaram o interesse da Índia em trabalhar com a Rússia no Ártico (onde a China também é participante) e também na Rota do Mar do Norte (onde a China também é parte interessada).

A propósito, a Declaração Conjunta Rússia-China sobre as Relações Internacionais Entrando em uma Nova Era e o Desenvolvimento Sustentável Global (4 de fevereiro de 2022) fala sobre os dois países “intensificando consistentemente a cooperação prática para o desenvolvimento sustentável do Ártico”, bem como o “desenvolvimento e uso das rotas do Ártico”.

Não há evidências empíricas para mostrar que a China bloqueou o caminho da Índia no Ártico ou no Extremo Oriente russo, Sudeste Asiático, Ásia Central ou Ásia Ocidental. O desligamento em Ladakh dá esperança de que as relações bilaterais possam ser restabelecidas, especialmente na esfera econômica. Não há dúvida de que a Índia deve estar vigilante quanto à sua defesa e segurança nacional. Mas ser paranoico sobre isso ou ficar preso em atitudes xenófobas será um desperdício e, em última análise, debilitante.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
